

AL OUTRO LADO DEL RIO

Por Valdênio Freitas

O reservado adolescente Heráclito adicionou um novo evento ao seu cotidiano: ir logo cedo a um rio que passava próximo à cidade de Éfeso e ficar sentado nas margens ou colocar os pés na água e passar horas olhando pros círculos que a correnteza fazia nos calcanhares. Vez ou outra algumas crianças viam Heráclito e começavam a imitá-lo, colocando e tirando os pés da água. “Tudo flui”, falou quase que automaticamente Heráclito ao apalpar uma grande espinha que vinha nascendo no seu queixo e ver, em uma mesma cena, a risada das crianças dando golpes na água, jogando gotas, formando espumas, bolhas e pequenos arco íris na luz do sol. Heráclito sentiu uma grande alegria junto a uma vontade de ir à outra margem do rio. Porém, suspirou e lamentou não saber nadar bem para fazer isso

Indo para casa, Heráclito para e vê uma multidão numa praça. E, entrando mais no centro da multidão, percebeu que o centro das atenções era um jovem bonito e bem vestido chamado Parmênides, apresentado como filósofo e bajulado por lideranças políticas locais da cidade de Éfeso. Por um momento, todos silenciaram e Parmênides começou a contar sobre um manuscrito que estava elaborando: um bocado de histórias sobre um pequeno príncipe que morava sozinho em uma ilha em que apareciam raposas e outros seres. Parmênides usou uma das reflexões desta fábula do príncipezinho – que desde o início Heráclito achou horrível e de mau gosto – para falar da sua filosofia sobre a permanência de elementos do cosmos e soltou a seguinte frase: “o essencial é invisível aos olhos”. Neste exato momento, o impulso crítico de Heráclito ganhou força e ele entrou em um dilema – muito comum nos dias atuais quando jovens vêem opiniões contraditórias nas redes sociais – discordar ou não discordar? Vale a pena discutir com esse babaca? Ao mesmo tempo que Heráclito apertava a espinha no queixo a ponto de estourá-la ele sentia subir uma voz interior – como se um ventríloquo tivesse dado o comando, e já estava dizendo:

“Pelo contrário, não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio. Tudo flui, nada persiste nem permanece o mesmo”

Há mais panelinhas, fofocas e baixarias sobre as disputas entre Parmênides (o filósofo da essência) e Heráclito (o filósofo da transformação) do que nossa vã filosofia possa acreditar. A famosa frase do rio gerou toda uma fúria por parte de Parmênides. Habitado – na sua essência – a não ser contrariado pelos pais, ele viu em Heráclito um oponente que precisava destruir a todo custo. Nem sequer pediu pra Heráclito explicar melhor a sua questão fluvial e foi logo fazendo apostas: “desafio você a provar isso no próprio rio”. Heráclito aceitou a proposta. Com uma multidão acompanhando, os dois chegaram ao rio que passava perto de Éfeso. Heráclito apresentou seu argumento, colocando os pés na água durante duas vezes. Na primeira

vez, apenas colocou os pés na água e depois saiu – nesse momento alguns habitantes de Éfeso juram que viram Heráclito andando na superfície do rio, mas não há provas disso. Na segunda vez, colocou de novo os pés na água e jogou uma folha seca no rio. Por fim, apontou ela sendo levada pela correnteza. O argumento estava pronto.

Parmênides estava horrorizado, pois não sabia explicar sua ideia outrora tão brilhante de essência diante desta visão da folha ziguezagueando e indo embora na correnteza. (Pior era o público que, entediado com a disputa, foi aos poucos esvaziando as margens do rio). Atacado de fúria Parmênides foi para a hospedaria da cidade, pensar em alguma forma de contrariar a brilhante constatação de Heráclito. Os três seguintes dias foram dedicados às mais variadas e bizarras ações comandadas por Parmênides:

Primeiro dia: Parmênides contratou um certo número de escravos para cavar buracos e encher eles com a água do rio: com a água parada poderia provar a essência das coisas (além de tentar causar uma epidemia de dengue na cidade). Mas com o tempo a água dos buracos do batia na terra e virava lama ou evaporava. Heráclito olhava apenas sorrindo e repetia “tudo flui”. E repetidas vezes Parmênides deu ordens aos escravos para cavar grandes buracos, chegando mesmo a construir um pequeno lago desviando água do rio. Parmênides também sugeriu que os escravos fizessem uma pequena ponte de madeira no rio para provar que a ponte era essência e o rio, a aparência. Não se sabe se cansados de levar insultos e chicotadas ou se por uma afinidade filosófica com Heráclito os escravos se reuniram e elegeram um líder para dizer a Parmênides: “não adianta, tudo flui”

Segundo dia: Pobres animais que se envolvem nas disputas entre dois filósofos!. Principalmente quando um dos filósofos odiava ser contrariado. No segundo dia, Parmênides comprou um grande rebanho de bois e cabras e, em seguida, mandou matar todos e retirar o couro dos animais. Em seguida, encomendou a todos os alfaiates de Éfeso que costurassem a pele dos animais e juntassem umas estacas de forma a fazer um “depósito” de água do tamanho de uma piscina dessas que as crianças dos dias atuais usam para se banhar aos domingos. Orgulhoso e crente de que agora o argumento de Heráclito ia ser vencido, Parmênides se despiu e caiu na piscina. Porém após um tempo ao sol o couro dos animais ressecou e as costuras se romperam estourando a água e o filósofo Parmênides por todos os lados. “Tudo flui”, disse novamente Heráclito ao ver Parmênides pelado caído em uma mistura de lama e pedaços de couro que começavam a apodrecer.

Terceiro e último dia: Tudo aparentava que Parmênides, após a humilhação do dia anterior, tinha ido embora de Éfeso. Então Heráclito seguiu sua rotina de ir ao rio molhar os pés e brincar com as crianças. Contudo, já próximo ao rio, Heráclito pisou em uma pedra e ela afundou. Era um buraco feito pelos escravos de Parmênides. E o pior: estava cheio de esterco

de vaca. Parmênides apareceu sorrindo na parte de cima do buraco e jogou uma corda. Com a habitual calma, Heráclito subiu e recebeu as zombarias de Parmênides: “veja bem, meu argumento está certo: há uma essência e uma aparência, você está sujo de merda, resta escolher se isso é sua essência ou aparência”

É deveras intrigante imaginar que toda uma disputa filosófica acerca de uma ética de transformação e outra de imanência, que dividiu e ainda divide o pensamento humano, poder ter sido travada em torno de excrementos de animais. Sujo de bosta, Heráclito ignorou as risadas de Parmênides e seguiu rumo ao rio. Chegando lá colocou os pés na água e foi mais fundo, e deixou a correnteza bater sob seu corpo, levando os pedaços e porções de merda que estavam no seu corpo. Em seguida, mergulhou a cabeça. Esse “desbatismo” fecal de Heráclito foi o sinal da derrota de Parmênides. A sensação de que tinha perdido aumentou ainda mais quando crianças que estavam perto do rio se aproximaram e fizeram uma espécie de círculo e dançavam em torno do filósofo da “essência”. As crianças cantarolavam dizendo que “tudo flui e tudo se transforma”. Enquanto isso, Heráclito percebeu que já estava fazendo um Sol alaranjado do fim da tarde. No reflexo das águas do rio, enxergou a real beleza no fato de tudo ser transitório. Heráclito sentiu algo que até então era indescritível e inexplicável – e continuou sendo por milênios até o século XX, quando o escritor Marcel Proust descreveu a sensação de nostalgia e infinitude sentida por um personagem dos seus livros ao comer um bolinho e tomar um gole de chá. Após limpar toda aquela merda, Heráclito mergulhou novamente no rio e dessa vez não foi mais visto. Não se sabe se ele tentou nadar ou se deixou-se levar pela correnteza.